

Encontro de fevereiro – 09.02.2023

Começar o encontro com a leitura de Dt 6, 1-9.

Introdução:

- falamos do sacerdote Esdras, o 1.º leitor que nos aparece na Bíblia em Neemias 8. 1-6;
- falamos ainda do 2.º leitor que nos aparece, em Lc 4, 16-21 e que é o próprio Jesus;
- falamos dos leitores à luz da cristologia e da eclesiologia e hoje vamos falar do Livro e de celebrar.

O que é a Bíblia?

Pois, a Bíblia é mesmo uma biblioteca, uma biblioteca encadernada, onde podemos encontrar um certo número de obras, diferentes e agrupadas. Para nós cristãos, em dois grandes conjuntos: o Antigo Testamento e o Novo Testamento.

Importa perceber as palavras, a Palavra.

Assim, testamento, aqui, não tem nada a ver com herança, mas... com aliança ou pacto que Deus estabeleceu com Israel por meio de Moisés, a Antiga Aliança, e que chegou à plenitude com Jesus que nos veio dar/trazer a Nova Aliança, aquela que radica no Amor. Não foi isto que Ele nos disse no Sermão da Montanha ao “entregar” as Bem-aventuranças, ao dizer-nos que somos o fermento, o sal e a luz, isto é, o grande convite a levedarmo-nos, para crescermos e ajudar a crescer, ao temperarmos, para dar sabor, à luz, para sermos transmissores dessa Palavra, desse Amor, dessa alegria de ser e para ser?

Já sabemos que esta biblioteca condensada em apenas um livro é importante porque significa a Palavra de Deus passada a escrito para que *chegue aos confins da terra*, isto é, a todos e a todo o mundo.

Sendo o Antigo Testamento comum aos judeus e aos cristãos, tem, contudo, algumas diferenças. Os judeus apenas reconhecem os livros escritos em hebraico, mais ou menos quarenta, mas os católicos acrescentaram-lhe mais sete que foram escritos em grego, os deutero-canônicos (Tobias, Judite, I Macabeus, II Macabeus, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico – Ben Sirá e Baruk).

O Novo Testamento é composto por vinte e sete livros.

A Biblioteca dos cristãos a que chamamos Bíblia contém setenta e três livros.

Voltando ao Antigo Testamento, para os judeus tem três partes:

- A Lei ou *Torah* (a que chamamos Pentateuco);
- Os Profetas ou *Nebiim* que está dividido em duas partes:
 - Os primeiros profetas a que chamamos históricos;
 - Os segundos profetas que são: Isaías, Jeremias, Ezequiel, entre outros
- Os Escritos ou *Ketubim*

Estas três partes tomam o nome de *TaNaK* (não esquecer que o hebraico não tinha vogais), recorrendo à primeira sílaba de cada um dos títulos. Foi também adotada pela Bíblia Ecuménica que lhe juntou, no fim, os livros deutero-canônicos, apenas reconhecidos pelos católicos.

Podemos, assim, perceber a classificação do Antigo Testamento em quatro partes:

- ✓ Pentateuco
- ✓ Livros históricos
- ✓ Livros proféticos
- ✓ Livros sapienciais

E também o Novo Testamento pode ser visto em quatro partes:

- ✓ Evangelhos (aqui incluímos os Atos dos Apóstolos)
- ✓ Cartas católicas
- ✓ Cartas de S. Paulo (autênticas e escritas pelos discípulos)
- ✓ Apocalipse

No século III a.C. o Antigo Testamento foi traduzido para o grego, em Alexandria, cidade do Norte do Egito, situada no delta do rio Nilo. Segundo a lenda, 72 escribas (seis de cada tribo do povo hebreu) trabalharam separadamente uns dos outros na tradução da Bíblia hebraica e chegaram todos à mesma tradução. É a partir daqui que surge o nome *Bíblia dos Setenta* ou *Septuaginta* designando-se por *Os Setenta* ou *LXX*.

O Novo Testamento foi totalmente escrito em grego, não o grego erudito ou clássico, mas no grego comum ou vulgar, isto é, o grego falado conhecido pelo grego *koiné*

Como curiosidade, a versão latina da Bíblia data de finais do século IV, início do século V, é conhecida pelo nome de *Vulgata* e foi traduzida por São Jerónimo a pedido do Papa Dâmaso I.

De modo a facilitar tanto a leitura como a procura, cada livro está dividido em capítulos e dentro dos capítulos a divisão em versículos, tornando-a mais prática e acessível a todos. Desta forma, basta fornecer a referência e indicar:

- O livro
- O capítulo
- O versículo

E podemos rezar, dizendo:

Senhor, louvamos-Te
porque nos deixaste a Tua Palavra
escrita na Bíblia

Então, depois de conhecer o Livro, podemos começar a celebrar.

Aspeto muito, mas mesmo muito importante: tomar consciência da importância da celebração litúrgica na vida da Igreja, na vida da paróquia.

1. O que é celebrar?
Há algumas palavras que daqui derivam:
 - Celebração
 - Celebrante
 - Celebração do Mistério Cristão

Celebrar vem do adjetivo latino *celeber* que exprime a ideia de um lugar frequentado por uma grande multidão reunida para uma festa.

Uma celebração deve ser uma festa, porque é uma ação comunitária.

2. Então, o que é liturgia?

Nada mais, nada menos que ofício ou serviço público ou do povo.

Liturgia é, por isso, a atualização constante do Mistério Pascal de Jesus que glorificou o Pai, para salvar os homens.

O termo liturgia começou a ser utilizado pelos primeiros cristãos e designava o *Santo Sacrifício do Corpo e Sangue do Senhor*. Isto é aquilo a que chamamos Eucaristia ou Missa.

Em todas as celebrações fazemos memória daquela Ceia a que costumamos chamar a última de muitas ceias e o sacrifício de Jesus que morreu para que acontecesse Páscoa, acontecesse salvação de todos, os que O antecederam até chegar ao fim dos tempos.

Por isso, posso afirmar com toda a convicção e segurança que não vou à missa, mas que vou celebrar juntamente com o celebrante que preside e que vou à Festa da Eucaristia, como diz o cântico:

Vamos todos à festa da Eucaristia, à festa da vida...

Nós, todos nós vamos celebrar e fazer memória de uma Ceia e de uma Páscoa que nos dá confiança no futuro e para o futuro.

Assim, podemos afirmar que *a Liturgia é a ação Sagrada que ritualmente se exerce e se realiza na Igreja e por meio da Igreja, a obra sacerdotal de Cristo e da glorificação de Deus* (Abade Salvatore Marsili).

Cada domingo em que nos reunimos para celebrar, ouvir a Palavra e participar da Eucaristia estamos a celebrar a Páscoa semanal. Porque sabemos que ao fazer memória daquela Ceia, todos somos chamados e convidados a participar dela. Desde quando é que somos convidados para participar numa refeição e chegamos lá, sentamo-nos e não comemos?

Não é isto uma desfeita a quem convidou?

Então, celebrar é mesmo participar de forma ativa naquela refeição por meio da comunidade.

A eucaristia foi feita, pensada e instituída para os vivos, não para os mortos, isto é, aqueles que vão apenas para cumprir o preceito.

Podemos então afirmar que a Liturgia é o cume que tende e para que tende toda a atividade da Igreja e é a fonte de onde parte toda a sua força.

Então, celebrar/celebração é uma ação concreta de uma assembleia de crentes, é a realização de um determinado rito que se entende como ato de culto, na perspetiva do cristão de modo a dar a Deus glória, onde os homens são santificados, graças ao exercício do sacerdócio de Cristo.

Assim:

- Liturgia – culto de uma vida cristã tornada fidelidade a Deus que através de atos sacramentais atualizam a presença da salvação:
- Celebração – é o momento em que se realiza esta atualização, através de: gestos, símbolos, ações e ritos. A celebração pode ver-se como a representação de uma nova apresentação, uma nova presença, é a atualização do exercício do sacerdócio de Cristo.

O objeto definitivo da liturgia – celebração é a realização, aqui e agora, do Mistério Pascal: realiza-se/celebra-se um rito para se celebrar o mistério pascal.

Oração final: Mc 14, 12-16; 22-25

Próximo encontro – 02 de março de 2023 – ISF – 21h00